

# Cora Coralina – A flor

Na haste  
hierática e vertical  
pompeia.  
Sobe para a luz e para o alto  
a flor...

Ainda não.

Veio de longe.  
Muda viajeira  
dentro de um plástico esquecida.  
Nem cuidados dei  
à grande e rude matriz fecundada.  
Apanhada num monte de entulho de lixeira.

“Cebola-brava” na botânica  
sapiante de seu Vicente.  
Oitenta e alguns avos de enxada e terra.  
Sabedoria agra.  
Afilhado do Padim Cícero.  
Menosprezo pelas “f’lores”:  
“De que val’isso?”  
Displícite, exato, irredutível.

E eu, meu Deus,  
extasiada,  
vendo, sentindo e acompanhando,  
fremente,  
aquela inesperada gestação.

– Um bulbo, tubérculo, célula  
de vida rejeitada, levada na hora certa  
à maternidade da terra.

A Flor...

Ainda não.  
Espátula. Botão  
hígido, encerrado, hermético,  
inviolado  
no seu mistério.  
Tenro vegetal, túmido de seiva.  
Promessa, encantamento.  
Folhas longas, espalmadas.  
Espadins verdes  
montando guarda.

Da Flor...

A expectativa, o medo.  
Aquele caule frágil  
ser quebrado no escuro da noite.  
O vento, a chuva, o granizo.  
A irreverência gosmenta  
de um verme rastejante.  
O imprevisto atentado  
de alheia mão  
consciente ou não.

Alerta. Insone.  
Madrugadora.

Na manhã mal nascida,  
toda em rendas cor-de-rosa,  
túrgida de luz,  
ao sol rascante do meio-dia.  
No silêncio serenado da noite  
eu, partejando o nascer da flor,  
que ali vem na clausura  
uterina de um botão.  
Romboide.

Para a Flor...

Chamei a tantos...

Indiferentes, alheios,  
ninguém sentiu comigo  
o mistério daquela liturgia floral.  
Encerrada na custódia do botão,  
ela se enfeita para os esponsais do sol.  
Ela se penteia, se veste nupcial  
para o esplendor de sua efêmera  
vida vegetal.  
Na minha aflita vigília  
pergunto:

– De que cor será a flor?

Chamo e conclamo de alheias distâncias  
alheias sensibilidades.  
Ninguém responde.  
Ninguém sente comigo  
aquele ministério oculto  
Aquele sortilégio a se quebrar.

Afinal a Flor...

Do conúbio místico da terra e do sol  
– a eclosão. Quatro lírios  
semiabertos,  
apontando os pontos cardeais  
no ápice da haste.  
Vara florida de castidade santa.  
Cetro heráldico. Emblema litúrgico  
de algum príncipe profeta bíblico  
egresso das páginas sagradas  
do “Livro dos Reis” ou do “Habacuc”.

E foi assim que eu vi a Flor.

**Cora Coralina, Meu livro de cordel**